Mídia impressa e Argumentação

A constituição do *ethos* em artigos de opinião

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino
Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

- Este trabalho desenvolve-se no interior de um grupo de estudos do discurso em língua portuguesa, que congrega oito professores do Deptartamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP – trata-se do GEDUSP.

- Tem por proposta observar as marcas linguístico-discursivas que permitem dizer da constituição do *ethos* e dos efeitos alcançados pelo locutor em textos opinativos na mídia impressa.

- Se no discurso formulado na modalidade falada da língua que, entre outras características, permite o retorno imediato do interlocutor e a possível alteração no encaminhamento do discurso, caso o orador observe "algum problema" de compreensão que leve à não persuasão de seu auditório, no texto escrito, não se pode controlar essa questão.

- Parte-se do pressuposto de que traços da constituição do *ethos* do orador podem desencadear, no auditório, reação contrária à que se objetivou, promovendo, no próprio periódico ou em outros, discursos que se reconhecem como debates.

- O *corpus* compreende textos opinativos veiculados pela **Folha de S.Paulo** - periódico de grande circulação no Brasil.

- Selecionamos, inicialmente, o artigo de opinião: **"Pensamentos quase póstumos"** , publicado em 1º/10/2007, assinado por Luciano Huck, jovem apresentador que conduz o programa "Caldeirão do Huck", transmitido pela TV Globo.

- Ao circular, esse artigo promoveu a reação de Férrez, compositor e escritor, que escreveu o artigo “Pensamentos de um ‘correria’ ” , publicado em 08/10/2007, para esse mesmo periódico.

- Esses dois artigos provocaram reações nos leitores que apresentaram artigos e cartas à redação da **Folha de S.Paulo** e de outros periódicos, revistas, programas de rádio, discussões via Web, em que se observam a adesão de alguns e a indignação/repulsa de outros.

CORPUS E ANÁLISE DOS DADOS

Pensamentos quase póstumos

LUCIANO HUCK

Pago todos os impostos. E, como resultado,depois do cafezinho,em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa

- LUCIANO HUCK foi assassinado. Manchete do "Jornal Nacional" de ontem. E eu, algumas páginas à frente neste diário, provavelmente no caderno policial. E, quem sabe, uma homenagem póstuma no caderno de cultura.

- Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destroçada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio.

  Por quê? Por causa de um relógio.

- Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado.

- Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia.

- Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.

- Adoro São Paulo. É a minha cidade. Nasci aqui. As minhas raízes estão aqui. Defendo esta cidade. Mas a situação está ficando indefensável.

- Passei um dia na cidade nesta semana -moro no Rio por motivos profissionais- e três assaltos passaram por mim. Meu irmão, uma funcionária e eu. Foi-se um relógio que acabara de ganhar da minha esposa em comemoração ao meu aniversário. Todos nos Jardins, com assaltantes armados, de motos e revólveres.

- Onde está a polícia? Onde está a "Elite da Tropa"? Quem sabe até a "Tropa de Elite"! Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade. Tenho certeza de que esse tipo de assalto ao transeunte, ao motorista, não leva mais do que 30 dias para ser extinto. Dois ladrões a bordo de uma moto, com uma coleção de relógios e pertences alheios na mochila e um par de armas de fogo não se teletransportam da rua Renato Paes de Barros para o infinito.

- Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

- Confesso que já andei de carro blindado, mas aboli. Por filosofia. Concluí que não era isso que queria para a minha cidade. Não queria assumir que estávamos vivendo em Bogotá. Errei na mosca. Bogotá melhorou muito. E nós? Bem, nós estamos chafurdados na violência urbana e não vejo perspectiva de sairmos do atoleiro.

- Escrevo este texto não para colocar a revolta de alguém que perdeu o rolex, mas a indignação de alguém que de alguma forma dirigiu sua vida e sua energia para ajudar a construir um cenário mais maduro, mais profissional, mais equilibrado e justo e concluir -com um 38 na testa- que o país está em diversas frentes caminhando nessa direção, mas, de outro lado, continua mergulhado em problemas quase "infantis" para uma sociedade moderna e justa.

- De um lado, a pujança do Brasil. Mas, do outro, crianças sendo assassinadas a golpes de estilete na periferia, assaltos a mão armada sendo executados em série nos bairros ricos, corruptos notórios e comprovados mantendo-se no governo. Nem Bogotá é mais aqui.

- Onde estão os projetos? Onde estão as políticas públicas de segurança? Onde está a polícia? Quem compra as centenas de relógios roubados? Onde vende? Não acredito que a polícia não saiba. Finge não saber.

- Alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa!? Qual é a lógica disso? Ou um par de "extraterrestres" fortemente armado desfilando pelos bairros nobres de São Paulo?

- Estou à procura de um salvador da pátria. Pensei que poderia ser o Mano Brown, mas, no "Roda Vida" da última segunda-feira, descobri que ele não é nem quer ser o tal. Pensei no comandante Nascimento, mas descobri que, na verdade, "Tropa de Elite" é uma obra de ficção e que aquele na tela é o Wagner Moura, o Olavo da novela. Pensei no presidente, mas não sei no que ele está pensando.

- Enfim, pensei, pensei, pensei. Enquanto isso, João Dória Jr. grita: "Cansei". O Lobão canta: "Peidei".

- Pensando, cansado ou peidando, hoje posso dizer que sou parte das estatísticas da violência em São Paulo. E, se você ainda não tem um assalto para chamar de seu, não se preocupe: a sua hora vai chegar.

- Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio.

- Isso não está certo.

i) ETHOS PRÉVIO

Luciano Huck

- É casado com uma apresentadora de TV, à época, tinha um filho pequeno, e conduz um programa que conta grande audiência por parte de público jovem. A transmissão ocorre nas tardes de sábado; há a presença de cantores, ocorrem competições e distribuem-se prêmios.

- Iniciou sua carreira na TV Bandeirantes, tendo lançado nacionalmente duas dançarinas *sex-appeal* Feiticeira e Tiazinha. Apresenta estilos variados de cantores de música jovem, pagode, rap. Sorteia e realiza o sonho de alguém reconstruindo/ modernizando um estabelecimento comercial simples (ex. bar); a casa de alguém desempregado/doente, reforma automóveis.

- Atrai um público de classe mais baixa, sem oportunidade de discernimento entre o que lhe é importante ou não, o que merece ser selecionado entre o que a programação de TV oferece. Busca o que pensa poder lhe acudir de imediato, ainda que essa chance seja remota.

O *ethos* que constrói junto a esse público, não é o mesmo quanto a outras classes sociais às quais pertencem os leitores da **Folha de S.Paulo** – para a qual enviou seu artigo.

- Para esses últimos, a imagem é de alguém fútil, oportunista, que apresenta um programa passatempo apelativo e que poderia fazer algo que promovesse a real melhoria de posicionamento de seus jovens telespectadores.

- Tal imagem poderia ser alterada, por exemplo, se ele iniciasse uma coluna séria em algum periódico; mas não o fez. Em lugar disto, veio a público para denunciar uma classe que apresenta graves problemas socioeconômicos, educacionais – certamente parte de seu público e que não teve, em sua maioria, acesso ao periódico.

Ferréz

- REGINALDO FERREIRA DA SILVA, escritor e rapper, é autor de "Capão Pecado", romance sobre o cotidiano violento do bairro do Capão Redondo, na periferia de São Paulo, onde ele vive, e de "Ninguém é Inocente em São Paulo", entre outras obras.

- Ferréz teve acesso ao artigo de Huck. Produziu um outro artigo sem indicar diretamente algo que se referisse a Luciano Huck. Entretanto, retomou a personagem criticada pelo apresentador – o motoqueiro-assaltante, para revelar suas necessidades frente a uma sociedade que mal se preocupa com os desfavorecidos.

- Com isso, entre outros, agregou um dado ao ethos de Luciano Huck, constituído pelo discurso que apresentara ao jornal – o de alienado, de desconhecedor dos problemas sociais da periferia, do lado oposto, do desfavorecido.

ii) Do *ethos* que se institui com o discurso de LUCIANO HUCK

ETHOS DE VÍTIMA

- Pensamentos quase póstumos
- Pago todos os impostos. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa
- Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destroçada.
- Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio.

ETHOS DE SUPREMACIA

- LUCIANO HUCK foi assassinado. Manchete do "Jornal Nacional" de ontem. E eu, algumas páginas à frente neste diário, provavelmente no caderno policial. E, quem sabe, uma homenagem póstuma no caderno de cultura.

- Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio.

- Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

- (...)alguém que de alguma forma dirigiu sua vida e sua energia para ajudar a construir um cenário mais maduro, mais profissional, mais equilibrado e justo.

ETHOS DE MISERICORDIOSO

- Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado.

- Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades.

ETHOS DE INDIGNAÇÃO

- Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado.
- Adoro São Paulo. É a minha cidade. Nasci aqui. As minhas raízes estão aqui. Defendo esta cidade. Mas a situação está ficando indefensável.
- E nós? Bem, nós estamos chafurdados na violência urbana e não vejo perspectiva de sairmos do atoleiro.
- Escrevo este texto não para colocar a revolta de alguém que perdeu o rolex, mas a indignação.

ETHOS DE SUPERFICIALIDADE

- Enfim, pensei, pensei, pensei. Enquanto isso, João Dória Jr. grita: "Cansei". O Lobão canta: "Peidei".

- Pensando, cansado ou peidando, hoje posso dizer que sou parte das estatísticas da violência em São Paulo.

RESULTADOS

- O tema “Segurança pública” é de interesse dos interlocutores/ leitores. Duas posições são apresentadas pelo viés de artistas que representam camadas sociais bem diversas.

- O debate se institui a partir do primeiro posicionamento em que Huck mostra o quanto os cidadãos estão desprotegidos na sociedade e expostos a assaltos.

- O segundo, Ferréz, descreve o cidadão com um perfil oposto ao do apresentador de TV, expondo a vida do outro lado e trazendo para discussão o descaso da sociedade para com o cidadão.

- A temática discutida pelos articulistas coaduna-se, porém, a compreensão de mundo faz-se por ângulos muito diversos.

- Nenhum acordo se apresenta, ficando aberto o debate.

- As análises evidenciaram não só a impossibilidade de controle da compreensão do auditório, mas também a importância de serem considerados traços do *ethos* prévio e do *ethos* que se constitui pelo discurso do orador, para que se alcance o processo de compreensão do auditório.

- Além disso, os resultados são significativos, por permitirem destacar que a não coincidência no processo de compreensão e de persuasão encaminhou para o processamento do debate, como se pôde observar pelos outros discursos publicados na capital paulista, pelo mesmo periódico.

- De fato, conhecer o discurso é conhecer a sociedade que ele reflete, com suas tradições, seus valores, suas crenças.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Jean-Michel. Imagens de si e esquematização do orador. In: **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Ruth Amossy (org.). Trad. Cruz; D, Komesu, F; Possenti, S. São Paulo: Contexto, 2008, p.93-118.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Ruth Amossy (org.). Trad. Cruz, D; Komesu, F; Possenti, S. São Paulo: Contexto, 2008.
- ARISTOTE. **Rethorique.I-III**. Trad. M. Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- HADDAD, Gallit. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo. In: **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Ruth Amossy (org.). Trad. Cruz, D; Komesu, F; Possenti, S. São Paulo: Contexto, 2008. 145-166.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ____. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2002 .

FONTE

- **Folha de S.Paulo**. Caderno Tendências e Debates. 1 e 10 de outubro de 2007.